



a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 209

Director: ALEXANDRE VAZ

30 DE DEZEMBRO DE 1993

QUINZENÁRIO

SAI NAS SEGUNDAS E ÚLTIMAS QUINTAS-FEIRAS DO MÊS



PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA
4700 BRAGA
PORTUGAL



Padre Fernando abraça D. Eurico, Arcebispo Primaz

NOVA IGREJA NA VILA DE TERRAS DE BOURO

Na freguesia de Moimenta, foi inaugurada e sagrada a Nova Igreja Matriz, dedicada a Santo André. Este acto que ocorreu em 8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição, foi presidido pelo Senhor Arcebispo D. Eurico Dias Nogueira, tendo participado para além do clero do arceprelado, presidentes da Juntas e quadros da administração, Comissão da Construção do Novo Tempo e inúmeros paroquianos, o Senhor Governador Civil de Braga, Presidentes da Câmara e Assembleias Municipais e membros da Assembleia da República.

PÁGINAS 6 e 7

EM 18 DE DEZEMBRO

DIA DO DEFICIENTE CELEBRADO EM AMARES

«A deficiência, nas suas mais variadas vertentes, é uma realidade que, durante muitos anos, esteve votada ao anonimato, vista com comisseração, sendo, muitas vezes, rejeitada pelo alheamento» — disse em Amares a coordenadora concelhia para a reabilitação.

Lucinda Melo falava na sessão que assinalou o dia nacional do deficiente e decorreu na escola secundária daquela vila, com a presença do presidente da ARS de Braga, do Centro sub-Regional de Segurança Social, Centro de Emprego e Formação Profissional e de um representante da autarquia.

Lucinda Melo apresentou o diagnóstico da deficiência no concelho de Amares onde estão iden-

tificadas 157 pessoas deficientes. A mental é a mais prevalente e atinge mais de metade, seguindo-se a deficiência motora (25 por cento), a auditiva (sete por cento), a visual (seis por cento) e a multideficiência (6,4 por cento).

Luís Martins, do Centro de Emprego de Braga, referiu que o serviço que dirige aprovou cerca de dezena e meia de projectos de instalação de emprego por conta própria no concelho de Amares e sensibilizou os empresários a admitir trabalhadores deficientes, usufruindo das regalias legais existentes e do apoio do Centro de Emprego.

A terminar a sessão, usou da

(Continua na pág. 2)



Equipa coordenadora de Amares

NATAL NO CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL DE COVIDE

PÁGINA 4



«A Voz da Abadia»

Deseja aos
Leitores
Colaboradores
Assinantes e
Anunciantes

Bom Ano de 94

SUMÁRIO

Pelo Santuário

PÁGINA 3

Da família
nasce a paz
da família humana

PÁGINA 5

Crónicas Selvagens

PÁGINA 10

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR
Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO
José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Santuário de Nossa Senhora da Abadia
Santa Maria de Bouro
4720 AMARES
Telefone (053) 371197

PROPRIETÁRIO
Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO
EDITORA CORREIO DO MINHO/SM
Palácio de Exposições e Desportos
Telefone 74087
4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00
NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL
3.500 EXEMPLARES



CARTAS AO DIRECTOR

«Exmo. Senhor Director
do Jornal «A Voz da Abadia»

Poissendo eu um Bourense, nascido e vivido até aos meus vinte anos, dos quais sete anos vivi aí na Abadia. Pois trabalhei no antigo restaurante que cujas instalações pertencem a Nossa Senhora. Aonde me recordei perfeitamente o que era a Festa, ou melhor dito a Romaria da Abadia.

Essa grande Romaria, que hoje infelizmente nos dias 12, 13 e 14, nada se vê. Coisa que antigamente esses dias à noite era uma alegria. Até o dia 15, hoje, isto é referindo-me ao mês de Agosto de cada ano, não junta a mesma gente, a mesma multidão, às 6 horas da tarde quase tudo fugiu.

É pena acabar-se com os costumes antigos, mas infelizmente tudo vai acabando. Pois quando vou a Portugal de férias, ou por algum motivo, sempre vou visitar a Aba-

dia, pois também tenho aí os meus primos e a minha tia, que são os proprietários do Restaurante.

Senhor director, como me encontro aqui imigrado em França e como gosto imenso de ler e ter notícias da Terra, para estar um pouco ao corrente do que se passa nessa linda e maravilhosa freguesia de Bouro Sta. Maria, que eu tenho no coração. Por isso falei com o Sr. Henrique e inscrevi-me como assinante do jornal. Pois já sou assinante há uns anos e sempre estive um pouco desiludido com o Jornal, assim como pessoas da minha família também recebem e não estão contentes, pelo seguinte:

— Não sei qual é o motivo, porque é que o jornal traz notícias de várias freguesias, como por exemplo Valdozende, Souto, Covide, Figueiredo e Domelas, etc. Algumas delas uma folha quase completa e de

Bouro são raras as vezes, mas muito raras.

Sr. Director se eu sou assinante é com a intenção de ler as notícias da terra em primeiro lugar. Pois neste momento também sou assinante de o jornal «O Gerês» do qual estou contente.

Pois Sr. Director não imagina a alegria e a satisfação que uma pessoa tem ao ter-mos notícias da nossa terra, coisa que nós os Bourenses não temos, isto é por meio do Jornal?

Pois espero que o sr. faça um pouco de atenção a este meu pedido, isto é, em meu nome e dos Bourenses que também assinam o Jornal. Ainda há pouco estive aí, onde falei com pessoas amigas sobre o jornal, pessoas essas me disseram que também estavam descontentes e foi aí, que uma pessoa desas com quem falei, me informou de «O Gerês».

Quanto a notícias do país, pois compro aqui

outros jornais, porque eu adoro ler e estar o possível ao corrente do que se passa no meu belo País e nos outros países. Sou um fanático da leitura.

Mais uma vez sr. Director peço-lhe que não se esqueça do meu pedido. Pois gostaria que o Sr. Director não metesse a minha carta de lado e mesmo a publicasse no jornal e por baixo, ou melhor dito, a seguir, me informasse qual o motivo pela não publicação de notícias de Bouro? Já agora a pedido de minha tia, ela pede para que a direcção dela seja rectificada, porque cada vez que o jornal chega cá a Paris é normal tudo vai bem, só o problema é depois na entrega, às vezes nem o jornal se recebe, isto quando o carteiro muda, nas férias ou por outro motivo.

O meu muito obrigado e os meus sinceros cumprimentos.

Paris, 15/12/93

Artur Vieira»

DIVULGUE E ASSINE

a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.
Faça dos seus Amigos assinantes de «A Voz da Abadia» — enviando-nos, devidamente preenchido, este cupão.

NOME _____

MORADA _____

Assinatura Anual (1.200\$00)

Assinatura Bi-anual (2.400\$00)

Assinatura de Benefitor ()

Renovação da Assinatura (Anos:)

Nas páginas deste Jornal o seu nome nunca fica mal...

Por isso anuncie n'A VOZ DA ABADIA

DIA DO DEFICIENTE CELEBRADO EM AMARES

(Continuação da pág. 1)

palavra Alfredo Ramalho, presidente da ARS de Braga e coordenador distrital para a reabilitação, que elogiou o trabalho da equipa multidisciplinar que tem trabalho em Amares para a construção de uma sociedade mais humana e mais solidária.

Alfredo Ramalho sustentou que a deficiência «é uma dura realidade que não pode passar despercebida a todos os cidadãos minimamente responsáveis» porque «todas as pessoas têm o direito de crescer, aprender,

trabalhar e relacionar-se e encontrar formas próprias de realização pessoal e social nas comunidades onde vivem».

Para o Coordenador Distrital para a reabilitação nunca é de mais «encorajar o trabalho de todos aqueles que, com entusiasmo e dedicação, se esforçam por integrar os cidadãos deficientes, contribuindo para que esta sociedade cada vez mais abandone o tradicional individualismo e egotismo passando a ser uma sociedade mais fraterna, mais solidária e humanamente mais responsável».

FOTOGRAFIA DO GERÊS NA GALERIA 1.3.5

«Serra do Gerês-Obras da Erosão» é o tema da exposição de fotografia, da autoria de João Pinto, inaugurada no dia 27 de Dezembro na «Galeria-Bar 1.3.5», em Braga.

Esta exposição, que estará patente ao público até 31 de Janeiro

de 94 (excepto aos domingos), das 21 às 2 horas, surge na sequência de um trabalho de vários anos que levou o seu autor a percorrer a serra do Gerês de um extremo ao outro.

(...) à medida que se vai subindo a encosta e penetrando no silêncio da

montanha, lá vão aparecendo as impressionantes, grandiosas e cada vez mais trabalhadas «Obras da Erosão»; algumas, como que, a desafiar o homem na arte de criar», diz João Pinto a propósito da exposição.

João Carlos Matos

de Sousa Pinto é natural de Braga e tem 27 anos. Aluno do quinto ano do curso de Engenharia Mecânica da Universidade do Minho, tem participado em vários concursos e exposições de fotografia nestes últimos anos.

«A Voz da Abadia», 30/12/93

«SILVA & CARVALHO, LIMITADA»

Conservatória do Registo Comercial de Amares
N.º de matrícula 0068
N.º de identificação de pessoa colectiva —
N.º de inscrição 1
N.º e data da apresentação 12/13-Dez.-93

José António Lemos de Sousa, Ajudante em exercício, CERTIFICA, o teor do averbamento n.º 1 efectuado à inscrição n.º 1, da sociedade em epígrafe é o seguinte:

Inscrição n.º 1 — Av. 1 — CESSAÇÃO de funções de gerente, Domingos Manuel Barreiros da Silva Carvalho — por Renúncia.

Está conforme o original.

Contém 1 folha.

Conservatória do Registo Predial e Civil de Amares, em 23 de Dezembro de 1993

O AJUDANTE EM EXERCÍCIO,
José António Lemos de Sousa

PELO SANTUÁRIO



FESTA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

O Santuário de Nossa Senhora da Abadia celebrou a festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora com missa cantada às 11 horas e sermão.

A missa foi cantada pelo grupo coral e o sermão pregou-o o padre António de Sousa e Silva, pároco de Carrazedo.

Com a estrada fechada ao trânsito por causa das obras do alargamento da «ponte nova» a concorrência de pessoas da parte de manhã e na missa foi pouca.

O padre António no sermão referiu-se à

excelsa dignidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora que a preparou para ser a Mãe do Filho de Deus.

Tratou duma verdadeira devoção a Nossa Senhora: vivermos o nosso amor a Ela, não procurando somente venerar as suas virtudes, mas procurando imitá-La.

Referiu-se dum modo particular ao exemplo que nos dá na sua vida familiar, em Nazaré, e nas passagens do Evangelho em que nos aparece associada a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo.

FESTA DO NATAL

A senhora professora D. Maria de Jesus de Brito Mendes Domingues e os cantores e as cantoras de Paradela de Frades cantaram mais uma vez a missa das 11 horas do dia de Natal.

A Eucaristia com os cânticos, e bem executados como foram, tem outra solenidade.

O capelão, a Mesa da Confraria, os fiéis que vieram cumprir o preceito dominical de participar na missa e os devotos de Nossa Senhora da Abadia estão-lhe muito gratos.

A data do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo foi celebrada festivamente no santuário e presentearam-nos com essa atenção.

HORÁRIO DAS MISSAS

Nos meses de inverno, de Novembro a Março, aos domingos e dias santos a Eucaristia é às 11 horas da manhã e de tarde às 16 horas.

Nos sábados às 17,30 horas.

A missa das 11 horas dos domingos e dias santos é pelos irmãos da Confraria e pelos benfeitores do Santuário, uns e outros quer vivos quer falecidos.

VISITE A EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DE S. BERNARDO
NO MUSEU NOSSA SENHORA DA ABADIA

CASAMENTOS

Realizaram o seu casamento católico, no Santuário de Nossa Senhora da Abadia, no dia 11 de Dezembro, José Paulo Santos Martins e Carla Maria Lopes Loureiro; ele natural da freguesia de São João da Cova, concelho de Vieira do Minho e nela residente; ela natural da freguesia do Vilar da Veiga, concelho de Terras de Bouro e na mesma residente.

No dia 18 de Dezembro, José Inácio Dias Gonçalves e Maria Leonor da Silva Rodrigues; ele natural da freguesia de Parada de Bouro, Vieira do Minho e na dita freguesia de Parada residente; ela natural da freguesia de Bouro (Santa Maria), concelho de Amares, e residente nela no lugar de Lordelo.

No dia 19 de Dezembro, António Joaquim Gonçalves Teixeira e Anabela Azevedo Dalot; ele natural da freguesia de Arnoia, concelho de Celorico de Basto, e nela residente; a nubente natural da freguesia, vila e concelho de Vieira do Minho, onde reside.

No dia 26 de Dezembro, José Manuel da Silva Antunes e Maria Fernanda Soares Machado; ele natural da freguesia de Caires, Amares, e residente na freguesia das Mercês, Lisboa; ela natural da freguesia de Sequeiros, Amares, e na mesma residente.

CM CASA MACEDO

DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECÇÕES • PRONTO A VESTIR
CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PÊNHORES

Praça do Comércio, 102 a 106
Telefone 993176 • 4720 AMARES



FÁBRICA
DE FATOS
CASACOS
CALÇAS

de alta categoria!

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210
TELEX 32288 FACHO

Fernando
OCULISTA

ESTABELECIMENTO
COM
TÉCNICO QUALIFICADO
EM
ÓPTICA OCULAR

Rua do Souto, 23

(Junto à Casa das Louças)

Telefone 27703
4700 BRAGA

COVIDE

NATAL NO CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL



Natal é a festa da alegria, do convívio, da família... Também as crianças do jardim de Infância, Creche e A.T.L., quiseram fazer a sua Ceia de Natal. Convidaram os professores e amigos, colegas da escola, não esquecendo o Sr. Padre Amadeu, Presidente deste Centro. A festa constou duma Ceia de Natal, com o prato tradicional, bacalhau, batatas e couves e à sobremesa aletria e o rico bolo-rei, uma oferta do senhor Souto.

No final foram distribuídas prendas às crianças, ao Presidente do Centro Social, às professoras, educadoras, funcionárias, todos tiveram uma lembrança, pequenina sim, mas dada com amor e carinho. A alegria própria das crianças é característica dum Natal Feliz e estava bem visível nos rostos de todos.

No dia 19 às 14,30, crianças e adolescentes, Jardim de Infância e A.T.L. subiram ao palco para levar a seus pais e amigos mensagens de Natal e amor. Com alguns números de canções, poemas, teatro e danças rítmicas. Sendo actividades simples, são importantes para as crianças e às quais se deve dar valor e incentivo. Todas estas actividades lúdicas e recreativas devem ser

aceites e acompanhadas pelos adultos que compreendem a riqueza da criatividade Infantil.

Natal é a festa das crianças, a festa do Amor, que seja realmente festa para todas as crianças, que nesta quadra haja paz, amor e pão em todos os lares. São os votos que as crianças do Centro de Covide desejaram e que transmitiram numa canção de despedida: Feliz Natal...

JOVENS DA A.C.R. DE BRAGA REALIZARAM A CEIA DE NATAL EM COVIDE

No dia 18/12/93 por volta das 14 horas começaram a chegar carros com jovens dos vários pontos da Diocese. Traziam alegria e vontade de conviver. Depois de arrumar os materiais que traziam, nas instalações destinadas a cada grupo, reuniram no salão paroquial, para reflectirem em comum no sentido que os congregou aqui. Era um grupo numeroso de jovens, a presidente diocesana da A.C.R. e o Assistente.

Viveram horas extraordinárias. A festa com os idosos foi um momento

espectacular, canções, teatro, poemas, dois jovens vestidos de Pai Natal ofereceram prendas aos idosos que ficaram muito contentes e com risos misturados com uma lágrimazita, agradeceram. Às 21 horas, no Salão do centro Social, a Ceia de Natal foi também ocasião de boa disposição, convívio fraterno e muita, muita alegria. No domingo participaram e solenizaram a Eucaristia.

Reunidos de novo para avaliação desta actividade, conseguiram apurar que tinha sido positivo e todos em voz uníssona apelavam para que se repita nos anos a seguir. Fôra são e salutar o convívio com os idosos, disseram os jovens que foi o ponto que mais os tocou.

JOVENS DE COVIDE

No dia 19, pelas 20 horas, no salão do Centro Social, teve lugar a Ceia de Natal dos jovens de Covide. Houve camaradagem e muita alegria. A ceia foi requintada, dois pratos e sobremesa variada. No fim a troca de prendas foi muito engraçada e animada. Estes encontros são muito positivos como elo de ligação entre os jovens que à volta do seu pároco, padre Amadeu, convivem com muitas palmas e entusiasmo.

É urgente que os responsáveis ajudem a criar espaços e estruturas em que os jovens se sintam bem, criem laços de amizade entre eles, que façam diálogo e se interessem por um ideal nobre.

FIGUEIREDO

IMACULADA CONCEIÇÃO

Não obstante o tempo frio e de chuva, a festa da Imaculada Conceição da Virgem Santíssima, nesta freguesia, foi, de novo, uma realidade.

Precedida da Novena habitual, culminou, com procissão e terço do Rosário, até à Ermida do Vilar, onde foi celebrada a Eucaristia e proferido o semão pelo Rev. Pároco de Carracedo e Betteiros, acolitado pelo Sr. padre Custódio Pinto e Diácono Cap. Araújo.

ELEIÇÕES

O acto eleitoral das *Autárquicas-93*, no nosso meio, decorreu dentro dos moldes legais, com civismo e alto sentido de responsabilidade.

Os resultados já são sobejamente conhecidos e incontestáveis.

Resta, agora, que os eleitos cumpram as promessas feitas aos seus eleitores. E, se é certo que ninguém agrada a gregos e troianos simultaneamente, mais certo

ainda é o facto de que todos, sem excepção, devem aceitar, cívica e conscientemente, os resultados eleitorais e dispensar, aos eleitos, o apoio e respeito que lhes são devidos. Respeitando-os, respeitamo-nos uns aos outros.

REGRESSO A CASA

O nosso assinante Sr. Veríssimo Andrade do Vale, depois de muitos anos emigrado no Canadá, *avioi as malas* e, definitivamente, resolveu estabelecer-se nesta sua e nossa terra natal, mais propriamente no Lugar de S. Sebastião, frente à propriedade daquele que foi o Sr. Carlos Músico.

Especializado em petiscos a seu gosto e muito vocacionado para o ramo comercial, explora, com relevante sucesso, um *grande* mini-estabelecimento onde, curiosamente, há sempre um pouco de tudo.

Entregou-nos a importância de quatro mil es-

cudos, para pagamento de assinaturas, porventura em atraso.

Os nossos agradecimentos.

FALECEU

Foi a sepultar, em Dornelas, a meio da tarde do primeiro Sábado deste mês, a Sr.^a Antónia Maria Pereira que, há bastantes anos, recebia digna assistência na casa do nosso assinante Sr. José Cândido de Castro, em Transfontão.

A Sr.^a Antónia Maria faleceu no Hospital de São Marcos, em Braga, e recebia assiduamente os Sacramentos da Penitência e da Eucaristia.

Dos Irmãos «PEREIRA», de Dornelas, resta ainda a Sr.^a D. Rosinha, de S. Sebastião, aos cuidados do nosso assinante Sr. José Paulo Gonçalves de Araújo e Esposa. A sua lucidez e saúde, embora com oitenta e seis anos de idade, são excelentes, e, por isso, dignas de referência.

FERREIROS (FEIRA NOVA)

AUTÁRQUICAS 1993

Foi eleito Presidente da Câmara o Sr. Tomé Silvério Gonçalves Macedo.

Oxalá que o seu trabalho à frente da Câmara Municipal de Amares corresponda às expectativas de todos os amarenses.

Que seja feliz neste 4.º mandato e que os machados de guerra, se enterrem de uma vez por todas.

EMIGRANTES

Estão de regresso para as férias do Natal muitos emigrantes. Espera-os o aconchego

da família e vão reviver as tradições do Natal neste belo rincão do Minho.

Boas festas, queridos amigos, e um novo ano muito feliz.

SAGRADO LAUSPERENE

Foi muito concorrida esta solenidade do Sagrado Lausperene que aqui se realiza há 36 anos! No mesmo dia também foi celebrada a festa da padroeira, Senhora do «Ó» ou da Expectação. É a Senhora ligada ao nascimento de Jesus. Na ocasião foi

explicada a liturgia da festa da Senhora do «Ó» que há muitos séculos é celebrada no ocidente e no Oriente.

NOVO PRESIDENTE DA CÂMARA

O acto eleitoral de 12 de Dezembro, escolheu para Presidente da Câmara de Amares o Sr. Tomé Silvério Gonçalves Macedo. Já foi candidato pelo CDS, pelo PS e agora nas listas do PSD. São assim as eleições autárquicas. Que seja feliz no seu mandato!



DA FAMÍLIA NASCE A PAZ DA FAMÍLIA HUMANA

MENSAGEM PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ

1. O mundo anela pela paz, tem extrema necessidade de paz. E, no entanto, guerras, conflitos, violência crescente, situações de instabilidade social e de pobreza endêmica continuam a ceifar vidas inocentes e a gerar divisões entre os indivíduos e os povos. As vezes, a paz parece uma meta verdadeiramente inacessível! Num clima enregelado pela indiferença ou mesmo envenenado pelo ódio, como esperar o advento duma era de paz, que apenas sentimentos de solidariedade e amor podem propiciar?

Mas não devemos render-nos. Sabemos que a paz, apesar de tudo, é possível, porque inscrita no projecto divino original.

Deus quis para a humanidade uma condição de harmonia e de paz, colocando o seu fundamento na própria natureza do ser humano, criado «à sua imagem». Esta imagem divina realiza-se não só no indivíduo, mas também naquela singular comunhão de pessoas que é formada por um homem e uma mulher, de tal modo unidos no amor, que se tornam «uma só carne» (Gn 2, 24). Assim está escrito: «Criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher» (Gn 1, 27). A esta comunidade específica de pessoas, confiou o Senhor a missão de dar a vida e dela cuidar, formando uma família, e contribuindo assim de maneira decisiva para a tarefa de administrar a criação e prover ao futuro mesmo da humanidade.

A harmonia inicial foi quebrada pelo pecado, mas o plano original de Deus mantém-se. A família permanece, por isso, o verdadeiro fundamento da sociedade, constituindo, como de diz na Declaração Universal dos Direitos do Homem, o seu «núcleo natural e fundamental».

O contributo, que aquela pode oferecer para a salvaguarda e promoção da paz, é tão determinante que quereria aproveitar o ensejo que me é proporcionado pelo Ano Internacional da Família para dedicar esta Mensagem do Dia Mundial da Paz, à reflexão sobre a íntima ligação existente entre a família e a paz. Espero, com efeito, que o referido Ano constitua para todos quantos tentam contribuir para a busca da verdadeira paz — Igrejas, Organismos Religiosos, Associações, Governos, Instâncias Internacionais — uma válida ocasião para estudarem juntos o modo de ajudar a família a cumprir plenamente a sua insubstituível missão de construtora de paz.

A família: comunidade de vida e de amor

2. A família, enquanto fundamental e indispensável comunidade educativa, é o veículo privilegiado para a transmissão daqueles valores religiosos e culturais que ajudam as pessoas a adquirir a própria identidade. Baseada no amor e aberta ao dom da vida, a família leva em si o futuro mesmo da sociedade; tarefa sua muito particular, é a de contribuir eficazmente para um futuro de paz.

Isso será conseguido, antes de mais, mediante o amor recíproco dos cônjuges, chamados à plena e total comunhão de vida pelo sentido natural do matrimónio, e mais ainda, se cristãos, pela sua elevação a sacramento; e, depois, através do adequado cumprimento do dever educativo, que empenha os pais a formar os filhos para o respeito da dignidade de cada pessoa e para os valores da paz. Tais valores, mais do que «ensinados», devem ser testemunhados num

ambiente familiar que viva, em seu seio, aquele amor oblativo capaz de acolher o outro na sua diversidade, assumindo as suas necessidades e exigências e fazendo-o participante dos próprios bens. As virtudes domésticas que se baseiam no respeito profundo da vida e da dignidade do ser humano e se concretizam na compreensão, na paciência, no encorajamento e no perdão mútuo, dão à comunidade familiar a possibilidade de viver a primeira e fundamental experiência de paz. Fora deste contexto de afectuosas relações e de operosa e recíproca solidariedade, o ser humano «permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, (...) se o não experimenta e se o não torna algo de si próprio». Um tal amor, aliás, não se identifica com uma emoção passageira, mas é uma intensa e duradoura força moral que procura o bem alheio, inclusive à custa do próprio sacrifício. Além disso, o amor verdadeiro sempre inclui a justiça, tão necessária à paz. Aquele debruça-se sobre quantos se encontram em dificuldade: os que não têm família, as crianças privadas de assistência e afecto, as pessoas abandonadas e marginalizadas.

A família que vive, mesmo se ainda de modo imperfeito, este amor, abrindo-se generosamente à restante sociedade, constitui o agente primário dum futuro de paz. Uma civilização de paz não é possível, se falta o amor.

A família: vítima da ausência de paz

3. Em contraste com a sua original vocação de paz, a família revela-se, infelizmente e tantas vezes, lugar de tensão e prepotência, ou então vítima inerme das numerosas formas de violência que caracterizam a sociedade actual.

Tensões registam-se, às vezes, nas relações entre os seus membros. Frequentemente ficam-se a dever ao esforço por harmonizar a vida familiar, quando o trabalho mantém os cônjuges separados um do outro, ou a sua falta e precariedade os constrange à angústia da sobrevivência e à ansiedade por um futuro incerto. Não faltam ainda tensões originadas por modelos de comportamento inspirados no hedonismo e no consumismo, que impelem os membros da família a buscar mais as gratificações pessoais do que uma serena e diligente vida comum. Brigas frequentes entre os pais, recusa da prole, abandono e maus tratos de menores são os tristes sintomas de uma paz familiar já seriamente comprometida, e que não pode ser restituída, por certo, pela lamentável solução da separação dos cônjuges, e, menos ainda, pelo recurso ao divórcio, verdadeira «epidemia» da sociedade actual.

Depois, em muitas partes do mundo, há nações inteiras arrastadas na espiral de cruentes conflitos, dos quais, tantas vezes, as primeiras vítimas são as famílias; ou vêm-se privadas do principal, quando não único, membro que ganha, ou são forçadas a abandonar casa, e bens, fugindo para o desconhecido; ou acabam, de qualquer modo, sujeitas a transe tão penosos que põem em dúvida qualquer certeza! Como não recordar, a propósito disto, o sangrento conflito entre grupos étnicos, que perdura ainda na Bósnia Herzegovina? E é apenas um caso entre tantos cenários de guerra espalhados pelo mundo!



Perante estas tristes realidades, a sociedade mostra-se, frequentemente, incapaz de oferecer uma válida ajuda, ou mesmo culposamente indiferente. As carências espirituais e psicológicas de quem sofreu os efeitos dum conflito armado são tão urgentes e graves como as necessidades de alimento ou de um lar. Fariam falta estruturas específicas, tendentes a desenvolver uma acção de apoio às famílias atingidas por desgraças imprevistas e dilacerantes, de modo que elas, apesar de tudo, não cedam à tentação do desânimo e da vingança, mas sejam capazes de inspirar os seus comportamentos no perdão e na reconciliação. Muitas vezes, de tudo isso nem vestígios, infelizmente!

4. Não se deve esquecer, ainda, que a guerra e a violência não constituem forças desagregadoras apenas no sentido de enfraquecer e destruir as estruturas familiares; mas exercem uma influência nefasta também sobre os ânimos, chegando a propor e quase a impor modelos de comportamento diametralmente opostos à paz. A propósito disto, é preciso denunciar um dado bem triste: hoje infelizmente, adolescentes — se não mesmo crianças — de ambos os sexos, tomam parte, realmente e em números sempre maior, nos conflitos armados. Vêm-se obrigados a arrolar-se em milícias armadas e têm de combater por causas que nem sempre compreendem. Noutros casos, vivem imersos numa verdadeira e própria cultura da violência, onde a vida pouco conta e matar não parece imoral. No interesse da sociedade inteira, deve-se fazer com que estes jovens renunciem à violência e se encaminhem pela via da paz, mas isso supõe uma educação paciente, conduzida por pessoas que creiam sinceramente na paz.

Neste ponto, não posso deixar de mencionar outro sério obstáculo ao desenvolvimento da paz, na nossa sociedade: muitíssimas crianças vivem privadas de calor de uma família. Uma vez, esta, de facto, está ausente dominados por outros interesses, os pais abandonam os filhos a si mesmos. Outras vezes, a família pura e simplesmente não existe: há, assim, milhares de crianças que não têm outra casa senão a estrada, e não podem contar com qualquer outro recurso além de si mesmas. Algumas destas crianças da rua encontram tragicamente a morte. Outras são encaminhadas para o consumo ou mesmo o tráfico da droga, para a prostituição, e não raro acabam nas organizações criminosas. Não é possível ignorar situações assim escandalosas e, no entanto, tão difundidas! Está em jogo o próprio futuro da sociedade. Uma comunidade que rejeita as crianças, as marginaliza ou reduz a situações sem esperança, jamais poderá conhecer a paz.

Para poder contar com um futuro

de paz, é preciso que cada pequenino ser humano experimente o calor de um afecto carinhoso e constante, e não a traição ou a exploração. E, se o Estado muito pode fazer fornecendo meios e estruturas de apoio, insubstituível permanece o contributo da família para assegurar aquele clima de certeza e confiança, que tanta importância tem para induzir as crianças a olharem com serenidade o futuro e prepará-las para, quando adultas, participarem responsabilmente na edificação de uma sociedade de autêntico progresso e de paz. As crianças são o futuro já presente no meio de nós: é necessário poderem experimentar o que significa paz, para serem capazes de criar um futuro de paz.

A família: protagonista da paz

5. Uma ordem duradoura de paz precisa de instituições que exprimam e consolidem os valores da paz. A instituição que corresponde, de modo mais imediato, à natureza do ser humano é a família. Só ela garante a continuidade e o futuro da sociedade. Por isso, a família é chamada a tornar-se protagonista activa da paz, graças aos valores que ela exprime e transmite no seu próprio seio e, mediante a participação de cada um dos seus membros, à vida da sociedade.

Núcleo originário da sociedade, a família tem direito a todo o apoio do Estado, para cumprir plenamente a sua missão peculiar. Por isso, as leis estatais devem ser orientadas para a promoção do seu bem-estar, ajudando-a a realizar as tarefas que lhe competem. Perante a tendência, hoje cada vez mais insistente, de legitimar como sucedâneos da união conjugal, formas de união que, pela sua intrínseca natureza ou intencional transitoriedade, não podem de modo algum exprimir o sentimento e assegurar o bem da família, é dever do Estado encorajar e proteger a autêntica instituição familiar, respeitando a sua fisionomia natural e os seus direitos congénitos e inalienáveis. Fundamental dentre eles é o direito dos pais decidirem livre e responsabilmente, com base nas suas convicções morais e religiosas e na sua consciência adequadamente formada, quando chamar à vida um filho, e depois, educá-lo segundo tais convicções.

Um papel relevante tem ainda o Estado, na criação das condições, que permitam às famílias prover às suas necessidades primárias, de maneira consentânea com a dignidade humana. A pobreza, antes, a miséria — ameaça perene à estabilidade social, ao progresso dos povos, à paz — atinge hoje tantas famílias. Sucede, às vezes, que, por falta de meios, os casais jovens retardam a constituição de uma família ou vêm-se mesmo impedidos de a formar, enquanto que as famílias a braços com a indi-

gência não podem participar plenamente na vida social, ou são estrangidas a uma situação de total marginalização.

Mas, o dever do Estado não isenta o simples cidadão: a verdadeira resposta às mais graves solicitações de cada sociedade é assegurada efectivamente pela solidariedade concorde de todos. De facto, ninguém pode sentir-se tranquilo enquanto o problema da pobreza, que grassa sobre famílias e indivíduos, não tiver encontrado uma solução adequada. A indignação é sempre uma ameaça para a estabilidade social, para o desenvolvimento económico, e consequentemente, em última análise, para a paz. Esta permanecerá insidiada, enquanto pessoas e famílias se virem obrigadas a lutarem pela sua própria sobrevivência.

Família: ao serviço da paz

6. Quereria agora dirigir-me directamente às famílias; em particular, às famílias cristãs.

«Família, torna-te aquilo que és!» — escrevi na Exortação Apostólica «Familiaris Consortio». Ou seja, torna-te «íntima comunidade da vida e do amor conjugal», chamada a dar amor e a transmitir à vida!

Família, tens uma missão de primária importância: a de contribuir para a construção da paz, bem indispensável ao respeito e desenvolvimento da própria vida humana. Consciente de que a paz não se obtém duma vez para sempre, nunca te deves cansar de a procurar. Com a própria morte na cruz, Jesus deixou à humanidade a sua paz, assegurando a sua presença perene. Exige esta paz, reza por esta paz, trabalha por esta paz!

A vós, pais, compete a responsabilidade de formar e educar os filhos para serem pessoas de paz; para isso, sede vós mesmos, primeiro, construtores de paz.

Vós, filhos, lançados para o futuro com o ardor da vossa idade jovem, repleta de projectos e sonhos, apreciái o dom da família, preparai-vos para a responsabilidade de a construir ou promover, segundo a respectiva vocação, no amanhã que Deus vos concede. Cultivai aspirações de bem e desígnios de paz.

Vós, os avós, que, com os outros membros da casa, representais na família laços insubstituíveis e preciosos entre as gerações, dai generosamente o vosso contributo de experiência e testemunho para ligar o passado ao futuro num presente de paz.

Família, vive concorde e plenamente a tua missão!

Como esquecer, enfim, tantas pessoas que, por vários motivos, se sentem sem família? Quereria dizer-lhes que, também para elas, existe uma família: a Igreja é casa e família para todos. Ela abre de par em par as portas, para acolher todos quantos vivem sozinhos e abandonados; neles, vê os filhos predilectos de Deus, independentemente da idade, e quaisquer que sejam as suas aspirações, dificuldades e esperanças.

Possa a família viver em paz, de modo que dela brote a paz para a família humana inteira!

Eis a prece que, por intercessão de Maria, Mãe de Cristo e da Igreja, elevo Aquele «do Qual toda a paternidade, nos Céus como na Terra, toma o nome» (Ef 3, 15), na aurora do Ano Internacional da Família.

Vaticano, 8 de Dezembro de 1993

Joannes Paulus pp

Dedicada a Santo André, foi solenemente inaugurada e sagrada a Nova Igreja Matriz, da freguesia de Moimenta, Concelho de Terras de Bouro. Este acto que ocorreu em 8 de Dezembro passado, dia da Imaculada Conceição, foi presidido pelo Senhor Arcebispo D. Eurico Dias Nogueira, tendo nele participado para além do clero do arcebispo, presidentes de Juntas e quadros da administração, Comissão da Construção do Novo Templo e inúmeros paroquianos, o Senhor Governador Civil de Braga, Presidentes da Câmara e Assembleia Municipais e membros da Assembleia da República.

Aspiração muito antiga destas gentes de Moimenta, a inauguração deste Novo templo só foi possível graças à tenacidade do jovem do jovem pároco Padre Fernando Bento que viu no apoio do Governo, Câmara Municipal, Irmandade de S. Bento, Arquidiocese e, essencialmente, na abnegação dos seus paroquianos a alavanca imprescindível à concretização deste que também foi, como o afirmou, o seu grande sonho.

NOVA IGREJA na Vila de Terras de Bouro



As cerimónias, apesar do mau tempo, decorreram com o brilhantismo que se lhe era de esperar e, apesar do tempo volvido, não podemos deixar de fazer uma pequena reflexão sobre o evento.

O complexo da derrota, do desânimo, da inferioridade que tão frequentemente parece ter-se transformado na «sombra negra» que habitualmente nos acompanha, recebeu com este feito um rude golpe.

É pertinente que se recorde as palavras do poeta: «não há machado que corte a raiz ao pensamento, porque é livre como o vento...».

Os paroquianos de Moimenta, responderam ao apelo do seu pároco e com grande ajuda de todos os amigos, transformaram esse pensamento não numa brisa suave mas numa tempestade de vontade férrea que nenhuma barreira era capaz de deter.

Bem haja, P.º Fernando e bem hajam todos quanto tornaram este sonho uma realidade.

Carlos Pereira

Inauguração e dedicação da primeira Igreja na sede do concelho de Terras de Bouro

1. Nossa Senhora do Advento

Celebra-se, neste dia, uma das festas mais inseridas na alma cristã dos portugueses: a solenidade da Conceição Imaculada de Maria, a Mãe de Jesus.

Ninguém a considere deslocada e inoportuna nesta quadra litúrgica do Advento, toda ela centrada no mistério da Encarnação, ou seja, o grande encontro de Deus com os homens no Menino de Belém. É que Nossa Senhora foi o instrumento de que Deus se serviu para concretizar esse encontro, dando forma humana à segunda pessoa da Trindade Santíssima, no seu seio virginal.

Após a anunciação do anjo Gabriel, ela tornou-se a Senhora da Expectação, da Esperança, do Ó exclamativo, pois nela se cumpriu a promessa do advento.

Ela é a aurora, o crepúsculo matutino, que precede, anuncia e traz consigo o grande dia do Natal, ou seja, do nascimento do seu Jesus em Belém; é a luz que antecipa o sol que a origina.

Por isso, longe de nos distrair, a figura de Maria conduz-nos directamente a Cristo, o Messias Salvador identificado com seu Divino Filho. Esta solenidade constitui afinal boa preparação para o Natal.

Em Maria, a jovem de Nazaré, começa a concretizar-se a promessa da vitória de Deus sobre o demónio, feita aos nossos primeiros pais, logo após o pecado de desobediência destes, nos primórdios da História, ainda no Paraíso terrestre. Tal como a primeira Eva foi a mãe de todos os seres humanos, assim a segunda, ou seja, Maria, o é de todos os homens remidos por Jesus, seu Filho, como insinua o trecho do Génesis (3,9-15,20).

Em Cristo surge a nova Humanidade, já antecipada naquela que havia de ser sua Mãe e também nossa, elevados pela Redenção, a irmãos de seu Filho Jesus. Tornamo-nos herdeiros do Reino dos Céus, por sermos os filhos adoptivos do grande Rei, acentua S. Paulo, na Carta aos Efésios (1,3-6,11-12).

A graça da concepção sem as consequências empobrecedoras do pecado original — mistério designado por Imaculada Conceição — funda-se na vocação ou destino de Maria à maternidade divina, conforme a mensagem celeste de Gabriel, recordado pelo evangelista S. Lucas (1,26-38).

É este privilégio ímpar, que tornou Maria a «cheia de graça» desde o início da sua existência humana ainda no seio de sua mãe, Santa Ana, que a teologia designa por Imaculada Conceição e a Igreja celebra todos os anos a 8 de Dezembro; isto é, nove meses antes do nascimento de Maria, a Natividade de Nossa Senhora, também comemorada festivamente em igual dia do mês de Setembro.

2. Devoção portuguesa à Imaculada Conceição

Se a devoção a Nossa Senhora, nas terras e gentes de Portugal, é muito anterior à gestação da Nacionalidade, a sua modalidade alargada à Conceição Imaculada remonta à passagem de Nação a Estado, acompanhando uma e outro ao longo de mais de oito séculos que já levam de história.

(Continua na página seguinte)

A PARÓQUIA DE SANTO ANDRÉ DE MOIMENTA

PASSADO E PRESENTE



EDIÇÃO EVOCATIVA DA INAUGURAÇÃO E DEDICAÇÃO DA NOVA IGREJA
8 DE DEZEMBRO
TERRAS DE BOURO • 1993

Palavras de D. Eurico Dias Nogueira

por ocasião da inauguração da nova Igreja

(Continuação da página anterior)

Surgida aquela invocação na Idade Média, de modo tibuteante por escrúpulos teológicos, impôs-se entre nós, de acordo com documentos coevos ou a Tradição, logo a partir do reinado do primeiro Rei, com o Bispo de Lisboa reconquistada (1147), D. Gilberto e o mosteiro de Pombeiro, a par de Guimarães. Alargou-se ao Algarve, apenas incorporado no novo Reino (1249); e recebeu impulso decisivo, na sua popularização, com a Rainha Santa Isabel, o Bispo de Coimbra D. Aimérico Ebrard (1279-95), Frei Lourenço de Alcobaça, Nuno Álvares Pereira, Santa Beatriz da Silva e o Rei D. Manuel I (1495-1521).

Restaurada a independência de Portugal em 1640, após 60 anos de sujeição a Madrid, a devoção à Senhora da Conceição é fortalecida por gestos públicos do Rei D. João IV (1640-56) e seus sucessores, D. João V (1706-50) e D. João VI (1516-26), bem como da Universidade de Coimbra (1646) e da Academia Real da História (1733).

A definição dogmática deste privilégio de Nossa Senhora pelo Papa Pio IX em 1854 *Bula Ineffabilis Deus* (8-12) e as aparições a Santa Bernadete, na gruta de Massabielle, em Lourdes, quatro anos depois, popularizam este devoção em todo o mundo.

A Senhora da Conceição do Sameiro, o principal Santuário Mariano de Portugal, a seguir ao de Fátima, — mas anterior a este e um dos mais insígnies de todo o mundo cristão, nascido daqueles dois acontecimentos na segunda metade do século passado — é fruto e expressão da devoção dos portugueses a Nossa Senhora, sob aquela invocação.

3. Enriquecimento de Terras de Bouro

Se a paróquia, na sua configuração actual, é recente, outro tanto não sucede com a presença cristã e organização eclesial, nas antigas Terras de Bouro. Apesar da sua situação no interior, a fazer fronteira com a Galiza, numa zona montanhosa dominada pela serra do Gerês, com acesso não fácil, vem de muito longe a ocupação humana de toda esta área. Na maioria das suas 17 paróquias encontramos nomes que provêm da época romana, ou da suévico-visigótica, o que atesta a antiguidade daquela ocupação.

Entre as primeiras podemos citar: Chamoim (*Flamuli*), Chorenses (*Florentii*), Cibões (*Scipionis*), Balança (*Volanci*), Covide (*Cubidi*) e Rio Caldo (*Aquae* ou *Rivus Calidus*). São de raiz germânica: Adaúfe, Brufe, Gondoriz, Valdosende e outros.

O seu território é atrevesado pela via romana, essencialmente militar, que ligava Braga a Lugo por Ourense (de *Bracara Augusta* a *Lucus*, por

Auriensis). É a *Geira* com largos percursos em bom estado de conservação, assinalada por marcos miliários, preparados em pedreiras situadas no local.

Nomes como Calcedónia, referida a uma cidade envolta em lenda, tais como os das Santas Marinha e Eufémia, atestam igualmente memórias remotas. Documentos antigos referem-se a um castelo no século XIII, na sucessão de um castro ou castrejo anterior, tendo desaparecido pelo desgaste do tempo e a incuria dos homens.

As Inquirições efectuadas por ordem régia no decurso daquele século (1220 e 1258) e o foral do Concelho de Bouro, outorgado pelo Rei D. Manuel I em 1514 (20/01) referem muitos povoados da região, estabelecendo os direitos e deveres dos habitantes, inclusive a respeito dos animais de caça que por aqui abundavam: ursos, corços, javalis e a célebre cabra do Gerês.

Os moradores eram contemplados com alguns privilégios, em troca da defesa dos postos fronteiriços da Portela do Homem, Leonte e Porta Amarela (esta em Gondoriz).

Depois de várias alterações, quanto à área e sede do Concelho, foi este restaurado em 1898 (13/10), com a sua configuração actual.

Começou então o desenvolvimento da vila, situada no lugar de Covas, mais acessível e de melhores comunicações do que a antiga sede da paróquia de Santo André de Moimenta, a um quilómetro para sul, a meio da encosta. Mas foi demasiado lento, em volume populacional e infra-estruturas de apoio.

4. A nova igreja e sua dedicação

Faltava-lhe, porém, uma igreja condigna, que a antiga e acanhada capela de S. Brás, embora de boa construção, não conseguia suprir. Era uma dolorosa lacuna, que dificultava a vida religiosa da população e inferiorizava a vila perante as suas congéneres.

Na verdade a igreja, para além da função primordial de lugar de culto ao serviço da comunidade cristã, faz parte integrante de qualquer aglomerado populacional de certa amplitude, sobretudo se for sede de freguesia ou concelho. Sem ela, a imagem do povoado fica diminuída e amesquinhada, redundando em vexame para os moradores.

A Igreja é, por definição, a casa onde se congrega o Povo de Deus, para o seu relacionamento com o Pai do Céu, tanto em modo colectivo, como pessoal de cada um dos seus membros.

A ela acorrem os crentes, nos momentos marcantes da sua vida — baptismo, primeira comunhão e soleme, confirmação, profissão de fé e casamento — tal como nas celebrações comunitárias da Eucaristia do-

minical, festividades religiosas e exéquias fúnebres.

Até mesmo depois da morte, o corpo inerte dos cristãos, já a caminho do cemitério onde regressa ao pó de que é feito, na esperança da ressurreição final, entra pela última vez na igreja, para receber as homenagens e sufrágios dos irmãos na fé, reunidos em torno do pastor da comunidade paroquial.

É esta casa, construída carinhosamente pelo povo, que vamos inaugurar através do cerimonial litúrgico da dedicação, que a converte em lugar sagrado. Concluída a obra, tanto mais querida quanto maior foi o esforço e sacrifício exigidos, os seus construtores oferecem-na a Deus, para sua morada simbólica, a fim de melhor atender as orações aqui feitas e aceitar o culto nela prestado.

O baptistério para a administração do sacramento da iniciação cristã, o ambão para a proclamação da Palavra revelada na Sagrada Escritura e transmitida pelos ministros ordenados, o altar para a celebração da Missa e o sacrário para a conservação e distribuição da Eucaristia são locais privilegiados, com merecido destaque na igreja.

Por isso o ritual litúrgico da dedicação presta-lhes uma atenção especial, depois da bênção que recai sobre o edifício no seu conjunto. Aquele ritual, que já iniciámos e vamos prosseguir, é por si mesmo muito eloquente e expressivo.

5. Congratulação e agradecimento

Antes de terminar a minha alocução, centrada no acto que estamos a realizar e circunstâncias envolventes, quero deixar algumas palavras de congratulação e agradecimento.

Congratulo-me com esta grandiosa obra, levada a cabo com tanto esforço e empenhamento. Ela aqui está, para satisfação íntima e até santo orgulho de todos, e enriquecimento comum. Além de lugar de oração, constitui um meio de evangelização, em ordem à vivência cristã da comunidade, e uma preciosa herança que importa conservar com respeitoso apreço e transmitir carinhosamente às gerações vindouras.

Como responsável cimeiro da Arquidiocese, na qual se integra a comunidade paroquial de Terras de Bouro, agradeço em nome da Igreja diocesana a quantos tornaram possível esta obra. Ao Povo bourense, ou seja, de toda a região, mas especialmente desta comunidade paroquial, que assumiu o encargo de juntar grande parte da elevada soma necessária para tamanho empreendimento. Merece uma referência especial a comissão de obras, cujos componentes se encarregaram generosamente de maiores responsabilidades.

À Câmara Municipal, mormente ao seu dinâmico Presidente, que nunca deixou de apoiar e ajudar, por

todos os modos legítimos ao seu alcance, esta obra justamente considerada de bem comum e serviço público. Dirá que apenas cumpriu um dever imposto pela própria consciência e a natureza do seu cargo. Mas, nem por isso, estamos dispensados de o reconhecer e agradecer, pois podia não ter querido ou podido cumprir.

Ao Governo, pela participação concedida, de acordo com a legislação aplicável sobre equipamentos sociais, em que esta obra se inclui. Embora a valiosa ajuda provida do Ministério se enquadre no ordenamento jurídico da Nação, podia nada se ter conseguido, como tantas vezes sucede. Por isso é justo agradecer.

À Mesa da Irmandade que superintende no insigne santuário de S. Bento da Porta Aberta, situado aqui perto, pela ajuda que houve por bem conceder a esta obra de índole eminentemente pastoral, destinada ao serviço de Deus e do seu Povo.

Deixo para o fim — não por ser o último na escala, mas para maior destaque e o eco das minhas palavras não ser facilmente apagado por outras — o pastor desta comunidade paroquial, que acumula com mais três. O P.º Fernando Bento bem merece de todos, a começar por mim seu Bispo, de quem ele é íntimo e leal colaborador, os mais vivos agradecimentos.

Foi sobre ele, sobre os seus ombros, fortes e experimentados, apesar de jovens, que recais o maior peso desta ingente tarefa: peso que perdurou anos, cada vez mais premente, se não mesmo angustiante, em certas ocasiões. Só a partir de agora poderá começar a experimentar algum alívio.

A par desta tarefa, teve de se ocupar pastoralmente das quatro comunidades paroquiais que, não sendo volumosas em população, se encontram dispersas por extensas áreas geográficas, algumas das quais de acesso pouco fácil e bastante incómodo; e ainda de repartir o seu tempo por outras actividades, também de índole eclesial.

Louvemos o Céu por não lhe haver faltado a saúde, nem esmorecido a coragem e boa vontade.

Os colegas no arcepresbiterado estimam-no e, reconhecendo os seus méritos, indicaram-no para o delicado cargo de arcepreste na sucessão, aconselhada pelas disposições legais vigentes, do actual titular que, durante muitos anos, soube desempenhá-lo, com muito zelo e generosidade.

Aqui deixo também a expressão de minha gratidão aos dois titulares, actual e próximo futuro, de um alto serviço que os torna directos representantes do Bispo diocesano junto do clero e fiéis da área do arcepresbiterado.

Desçam sobre todos as bênçãos do Céu em abundância.

Terras de Bouro, 1993.12.08

† Eurico Dias Nogueira, Arcebispo Primaz

PASSATEMPOS

DESAFIO

INSTRUÇÕES: Tente resolver o problema dentro do espaço de tempo concedido. Preencha cada quadrado com um algarismo de 1 a 9.

— Quadrados horizontais somados têm resultados à direita;

— Quadrados verticais somados têm resultados na fila do fundo;

— Quadrados diagonais somados, cruzando no centro e na base da coluna da direita.

Pode haver mais do que uma fórmula de resolução.

TEMPO PARA ESTE DESAFIO: 5 minutos e 1 segundo.

O SEU RESULTADO: _____ minutos e _____ segundos.

				9
			3	14
	1			19
9				16
		1		10
29	5	5	20	17

NUMOGRAMA

Utilizando números de 1 a 9, complete as operações de modo a satisfazer os resultados apresentados.

9	x		:		=9
+		-		x	
	x		+		=5
-		+		+	
	+		-		=9
=6		=7		=6	

DEZ DIFERENÇAS



ANEDOTAS

A mãe dizia ao filho:

- Tens de melhorar as tuas notas, meu menino. Se estamos na terra é para trabalhar.
- Não faz falta, que eu quero ser marinheiro.



— Há mais de uma semana que não falo com a minha mulher.

- Estais assim zangados?
- Não. Não consigo interrompê-la.



— Há muito que não vejo por cá o seu marido, diz o pároco, intrigado. É por razões de ateísmo?

— Muito pior, senhor abade. Por questões de reumatismo!

— Aquele indivíduo é um espertalhão. Come com os dentes dos outros!

- Como é isso possível?
- Pois se ele é dentista...



Dois malucos pintavam o muro do manicóquio. Enquanto um pintava o outro segurava a escada.

A dada altura, este, cansado, previne o colega:

- Agarra-te ao pincel que eu vou tirar a escada!



Dois estudantes, querendo divertir-se com um pobre homem da aldeia, agarram-no e perguntam-lhe:

- Olha lá: que é que tus és? Burro ou estúpido?
- Eu não sei bem, meus senhores, mas parece-me que estarei entre uma coisa e outra.

LABIRINTO

Descubra a frase que está escrita na grelha tendo em atenção que ela está relacionada com a palavra-chave.

A letra com que se inicia a frase está dentro de um círculo. As letras seguintes serão encontradas movendo a caneta para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda, mas nunca na diagonal. Cada letra de cada quadrado da grelha nunca pode ser usada mais do que uma vez.

Palavra-chave: FLEBITE.

V	E	F	L	A
S	I	N	I	M
A	A	A	Ç	A
D	S	O	I	N
A	N	R	E	T

PALAVRAS CRTUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

HORIZONTAIS

1 - Parciais. 2 - Casa. Arguido. 3 - Preposição. Um dos quatro evangelistas. Parecença. 4 - Privilégio. Nota musical. Ice. 5 - Lavras. Vantajoso. 6 - Acusa. 7 - Composições poéticas. Tratamento que se dava aos reis de França. 8 - Fluido aeriforme. Agora. Tenho conhecimento. 9 - Artigo (pl.). Agita. Dirigir-se. 10 - Escarnecer. Semelhante. 11 - Atribuíram aleivosamente.

VERTICAIS

1 - Os que se dedicam à instrução e educação das crianças. 2 - Maior. Concedes. 3 - Símbolo químico do alumínio. Aborreças. Réis (abrev.). 4 - Óxido de cálcio. Senhoras (abrev.). Gemidos. 5 - Insensíveis. Tarefa. 6 - Cidade do País que parece ter tido por fundador o célebre Atacas, rei dos Alanos. 7 - Por boca. Espécie de antilope. 8 - Igrejas episcopais. Quaisquer. Rio da Suíça. 9 - Alternativa. Prendéis. Além. 10 - Acolá. Monarca. 11 - Orelha de porco.



CARDOSO DA SAUDADE

44.^a aniversário

- FATOS
- CALÇAS
- CASACOS
- BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

DESPORTO

Nacional da I Divisão

RESULTADOS

Paços de Ferreira - Salgueiros	0-2
Sporting de Braga - Vitória de Setúbal	2-1
Famalicao - Belenenses	2-3
Marítimo - Estrela da Amadora	0-0
Benfica - Sporting	2-1
Beira Mar - União da Madeira	0-0
Estoril - Gil Vicente	1-1
F.C. Porto - Vitória de Guimarães	1-1
Farense - Boavista	1-0

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Benfica	13	9	3	1	32-15	21
Sporting	13	9	1	3	22-9	19
F.C. Porto	12	6	5	1	17-7	17
Vitória Guimarães	13	6	4	3	11-7	16
Boavista	12	7	1	4	20-11	15
Paços Ferreira	13	5	4	4	12-11	14
Marítimo	13	5	4	4	18-17	14
Gil Vicente	13	5	4	4	16-19	14
Salgueiros	13	6	1	6	18-19	13
Belenenses	13	6	1	6	15-18	13
Estrela da Amadora	13	3	5	5	12-13	11
Beira Mar	13	4	2	7	9-12	10
Sporting de Braga	13	3	4	6	11-15	10
Farense	13	5	-	8	15-24	10
Famalicao	13	4	1	8	11-27	9
Estoril	13	2	4	7	8-18	8
União da Madeira	11	3	2	6	12-15	8
Vitória de Setúbal	12	3	2	8	19-21	8

PRÓXIMA JORNADA (30 Dezembro)

Salgueiros - Farense; Vitória de Setúbal - Paços de Ferreira; Belenenses - Sporting de Braga; Estrela da Amadora - Famalicao; Sporting - Marítimo; União da Madeira - Benfica; Gil Vicente - Beira Mar; Vitória de Guimarães - Estoril; Boavista - F.C. Porto.

MELHORES MARCADORES

9 golos: Marlon (Boavista) e Yekini (Vit. Setúbal).
8 golos: Hassan (Farense) e Jorge Andrade (Marítimo).
7 golos: Isafas (Benfica) e Fernando (Estrela da Amadora).
6 golos: João Pinto (Benfica) e Drulovic (Gil Vicente).
5 golos: Gonçalves (Belenenses), Rui Águas (Benfica), Karoglan (Sporting de Braga), Kostadinov (F.C. Porto), Rudi (Paços de Ferreira), Cadete (Sporting), Balakov (Sporting).

II Divisão B (Zona Norte)

RESULTADOS

Marco - Vila Real	4-1
Lixa - Paredes	2-1
Varzim - Sandinenses	4-1
Infesta - União de Lamas	4-3
Maia - Fafe	2-1
Lourosa - Amares	3-1
Moreirense - Esposende	1-0
Ermesinde - Vizela	1-3
Lousada - Juventude de Ronfe	2-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Maia	13	9	2	2	22-10	20
União de Lamas	13	8	3	2	22-11	19
Lourosa	13	6	5	2	24-14	17
Lixa	13	7	3	3	15-13	17
Fafe	13	7	3	3	22-11	17
Moreirense	13	7	2	4	20-16	16
Lousada	13	5	4	4	24-23	14
Vizela	13	5	4	4	18-15	14
Esposende	13	4	5	4	13-12	13
Varzim	13	4	5	4	17-18	13
Infesta	13	5	3	5	28-24	13
Juventude Ronfe	13	4	5	4	11-13	13
Marco	13	4	3	6	8-10	11
Sandinenses	13	4	3	6	13-18	11
Vila Real	13	2	4	7	10-17	8
Paredes	13	1	5	7	11-18	7
Amares	13	2	2	9	9-22	6
Ermesinde	13	1	3	9	9-31	5

PRÓXIMA JORNADA (9 Janeiro)

Vila Real - Lousada; Paredes - Marco; Sandinenses - Lixa; União de Lamas - Varzim; Fafe - Infesta; Amares - Maia; Esposende - Lourosa; Vizela - Moreirense; Juventude de Ronfe - Ermesinde.

I Divisão Distrital

RESULTADOS

Série A: Viatodos, 3 - Forjães, 2; Maximinense, 1 - Fradelos, 0; Antas, 2 - Armoso, 1; Celeiros, 1 - Ribeirão, 2; Fão, 1 - Tibães, 0; Brufense, 1 - Apúlia, 1; Alvelos, 0 - Aveleda, 0; Realense, 0 - Gondifelos, 1; Merelinense, 0 - Lagense, 0.
Série B: Arco de Baúlhe, 1 - Alegrienses, 1; Torcatense, 2 - Pevidém, 1; Gualtar, 2 - B. Misericórdia, 1; Vilaverdense, 1 - Porto d'Ave, 0; Airão, 2 - S. Romão, 1; Ponte, 3 - Golães, 0; Garfe, 2 - Esporões, 2; Celoricense, 0 - Delães, 0; Serzedelo, 4 - Cabecirenses, 0.

CLASSIFICAÇÃO

SÉRIE A						
	J	V	E	D	G	P
Merelinense	12	9	3	0	32-5	21
Ribeirão	12	9	1	2	23-11	19
Brufense	12	6	2	4	18-16	14
Celeiros	12	4	6	2	14-12	14
Realense	12	4	5	3	14-12	13
Gondifelos	12	4	5	3	14-17	13
Apúlia	12	4	4	4	20-16	12
Alvelos	12	4	4	4	13-14	12
Fradelos	12	5	2	5	11-13	12
Antas	12	4	4	4	14-19	12
Fão	12	3	5	4	16-25	11
Viatodos	12	4	2	6	15-19	10
Forjães	12	4	2	6	13-18	10
Maximinense	12	4	1	7	13-14	9
Aveleda	12	2	5	5	11-13	9
Lagense	12	3	3	6	12-15	9
Armoso	12	4	1	7	18-26	9
Tibães	12	1	5	6	9-15	7

SÉRIE B						
	J	V	E	D	G	P
Pevidém	12	8	3	1	17-5	19
Delães	12	6	5	1	14-6	17
A. Baúlhe	12	6	3	3	16-10	15
Airão	12	4	7	1	18-13	15
Porto d'Ave	12	6	3	3	14-9	15
Celoricense	12	5	5	2	16-14	15
Serzedelo	12	5	4	3	21-13	14
Esporões	12	4	6	2	21-15	14
Vilaverdense	12	5	3	4	19-12	13
Ponte	12	4	5	3	16-16	13
Torcatense	12	4	4	4	17-21	12
Gualtar	12	5	2	5	14-19	12
Garfe	12	3	5	4	16-16	11
B. Misericórdia	12	4	1	7	19-18	9
Alegrienses	12	2	5	5	10-16	9
Cabecirenses	12	1	3	8	10-26	5
Golães	12	1	3	8	6-24	5
S. Romão	12	0	3	9	7-18	3

PRÓXIMA JORNADA (2JAN/1994)

Série A — Viatodos-Maximinense; Fradelos-Antas; Armoso-Celeiros; Ribeirão-Fão; Tibães-Brufense; Apúlia-Alvelos; Aveleda-Realense; Gondifelos-Merelinense e Forjães-Lagense. **Série B** — Arco de Baúlhe-Torcatense; Pevidém-Gualtar; B. Misericórdia-Vilaverdense; Porto d'Ave-Airão; S. Romão-Ponte; Golães-Garfe; Esporões-Celoricense; Delães-Serzedelo e Alegrienses-Cabecirenses.

Assine e divulgue
«A VOZ DA ABADIA»

FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.
 Funerais e Translações para todo o País.
 Coroas e Palmas em flores naturais.
 Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

Taça de Portugal

RESULTADOS

Belenenses (I) - Sanjoanense (II B)	2-0
Famalicao (I) - Lusitano Évora (III)	1-0
Leixões (II) - Desp. de Chaves (II)	0-2
Sporting (I) - Sporting de Braga (I)	2-1
Tirsense (II) - Boavista (I)	1-0
Desp. Aves (II) - Caldas (II B)	2-1
Torreense (II) - Rio Ave (II)	1-1 (1-1 ap)
Est. Amadora (I) - Operário (III)	3-1
Marítimo (I) - Espinho (II)	0-1
Vieira (III) - Salgueiros (I)	0-3
Beira Mar (I) - Lourosa (II B)	0-1
Vitória de Guimarães (I) - F.C. Porto (I)	1-2
União da Madeira (I) - Benfica (I)	1-1 (1-5 ap)
Vitória de Setúbal (I) - Infesta (II B)	4-0

Isento: Trofense.

PADARIA UNIVERSAL

de António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

Fabrico e venda de pão especial aos domingos para tornar o seu almoço mais apetitoso. O pão é o melhor e mais barato dos alimentos. Prefira o da **PADARIA UNIVERSAL**

TELEFONES 371125 e 371346 — SANTA MARIA DE BOURO — AMARES

Vocês lembram-se do Dr. Camilo?

Ora, não haviam de lembrar, claro.

O Dr. Camilo, da Casa do Foral da Venda, de Cavez, era aquele homem bondoso, íntegro, comunicativo, simples, só se sentindo mesmo bem, de bem, com as pessoas do povo.

Baixo, porrote, mas ainda assim bem feito de corpo, meio calvo, rosto redondo e vermelhinho, olho pisco, ótima disposição, bom humor e bom garfo, quando calhava e tinha tempo. Couves com feijões? Uma maravilha! Como uma panela inteira, caracas. Bacalhau? Tem de ser duas postas, pelo menos, bem demolhadas.

Possuía suas e de herança muitas quintas, eram aos molhos.

Das casas anexas, nada. Não ligava nenhuma. Quase todas a cair. A própria casa onde vivia, muito espaçosa, sim, era um deus-nos-acuda. Só quintas, muitas quintas, mais quintas, que comprava com a sofreguidão do homem telúrico, que ama o chão sagrado.

Como médico, as mais das vezes, consultava na feira ou na farmácia do Dr. Moutinho. Era um pagode ver os dois juntos.

Receitava, quase sempre, empiricamente.

— O senhor doutor tenha cuidado que qualquer dia vai parar à cadeia...

— Os erros dos médicos felizmente ficam enterrados.. e ria-se, com aquele riso de criança fagueira.

Tinha sido, como aliás seu irmão Arnaldo, um cabeceirense de alta craveira em terras africanas, um brilhante aluno universitário, mas adquirido o diploma de médico, desleixou-se um pouco no estudo da Medicina e fez-se foi agricultor.

— O senhor doutor não é dado à leitura.

— Os livros que folheio não são de papel, mas de carne, osso e espírito. Não basta ouvir palavras, é preciso sentir os corações!

Quando a pressa já apertava com ele e lhe aparecia um «chato» a gemer do estômago, despedia-o.

— Dieta, dieta, não há nada a fazer...

O homem, abismado, ainda tentava um lance de lamentação.

— Dietinha, dietinha, vocês comem como animais e bebem como esponjas. Depois é isto.

— Não é bem assim, senhor doutor, muita lazeira... Para enganar a fome e alegrar a alma vai-se bebendo uma pinga.

— Então vá queixar-se ao Salazar, porque os médicos não tem obrigação de dar de comer aos doentes (e o dr. Camilo até dava... aos pobres não levava dinheiro e matava-lhes a fome).

— «Esta fome troglodita que é a miséria deste país... O Salazar...» e aquietava-se.

— Dizem que só ele e o Pai do Céu...

— Pai do Céu, uma merdinha. Com brutos como vocês é que ele se arranja. Como carneiros à boca das urnas... e de chapéu na mão, lorpas. Como os porcos, consoante se lhes solta a bolota. Os políticos de Lisboa? Uma cambada!, desabafava, enfim, a suar.

Numa roda, à discussão, com amigos:

— Se vier o comunismo, o senhor doutor ainda tem que repartir com muitos, atiravam-lhe à cara.

— Não, não — acudia logo — com as riquezas acumuladas e os monopólios, ainda vou receber.

O Dr. Camilo nunca abichou cargo público. Era sempre o eterno substituto, porque não tinham médico disponível para deitar a mão.

O senhor doutor já tinha estado na farmácia, saíra, ainda demorava, e o homenzinho para a consulta foi desabafando com o Dr. Moutinho a sua vida e as queixas sobre o seu estado de saúde.

O homem esperou, esperou («faz-se-me tarde, que perco a carreira, e depois vou a pé»).

O Dr. Camilo, então, chegou e notando a pressa do doente, e a sua própria pressa, pôs o estetoscópio no peito do doente, minuto se tanto, colocou de novo, mas nas costas, num movimento rápido, voltou a pô-lo no peito no sítio do coração e desenganchou o auscultador, dos ouvidos.

— Ó Dr. Moutinho, o que acha que lhe havemos de dar?

— O senhor doutor é que é o médico, eu sou apenas o farmacêutico...

— Vamos aviar-lhe o remédio das bichas, o homem está pálido, comido da cara...

CRÓNICAS SELVAGENS (27)

uma mulher atrevida, ali ao lado, a parlamentar com a senhora D. Sílvia.

E o Dr. Moutinho, de pronto:

— Ó Dr. Camilo, olhe que o farmacêutico do Arco já apalpa barrigas, ausculta e vende os medicamentos por sua conta e risco. «Que é muito entendido», dizia com ironia. O senhor doutor e os seus colegas deviam ter vergonha...

O Dr. Camilo tecnicamente era bom e nos pastores difíceis era um ás. Manobrava os instrumentos cirúrgicos com perícia.

Espetou uma agulha comprida como um fueiro e tirou o líquido ao paciente.

— Dói?

— Dói muito.

— Aguento a «bochada» que vai ficar aliviado.

Visitava todos os meses, em Moimenta, na Casa das Farraínhas, a senhora dona Augusta, que era ao tempo uma das melhores proprietárias agrícolas daqueles sítios fertilíssimos.

— Ó senhora Augusta, já vendeu o seu vinho?

— Só oito pipas, senhor doutor.

— A como vendeu?

— A dois contos.

— Por esse preço o meu não sai das adegas. Os compradores são uns sanguessugas e o Salazar não há meio de botar a mão à Lavoura.

E esta conversa que parecia não mais ter fim, começou e acabou enquanto a patela do auscultador ia deslizando sobre a pele fina e branca de D. Augustinha.

— Não lhe vejo nada, rapariga (a rapariga era a neta quase a sair professora).

— Tanto teimei nesta Casa, acabaste por não ir para enfermagem. Abriamos um posto médico, em Cavez, e havíamos de nos entender como Deus com os anjos. Ias ser uma jóia de enfermeira, enfim... tu lá sabes, foste atrás do exemplo da tua prima... Aturar canalha não é fácil, não. Eu vejo a amostra pelos meus filhos...

Lá no fundo, junto ao Tâmega, quando esperava a carreira para Ribeira de Pena, ouviu um chama-doiro:

— Ó senhor doutor, a coitada da Elisa anda prenha. Veja só que desgraça. E parece-me que a Etelvina vai pelo mesmo caminho... O senhor doutor tem de lhes acudir.

E o dr. Camilo, muito grave:

— Quem as falseia? Uns moços de muita lábria que as derriçam, ou homens entrados na idade, graúdos cá da terra, avezados de dinheiro com que as mercam. Estes são os que mais desfrutam.

E concluiu amargamente:

— Os filhos dos pobres são quase todos filhos dos ricos... *filhos de pai incógnito*. Não é assim que vem nas cédulas?

Em matéria de religião, o dr. Camilo era *sui generis*.

— Quando oiço alguém, publicamente, basofear, com soberbo entono: — «Sou um homem honrado», miro-o de alto a baixo, dos pés à cabeça, de um lado e de outro, e digo para mim, sem nica de dúvida: — «Está ali um patife!» E se vejo um católico-apostólico-romano apregoar e fazer praça do seu catolicismo, do seu apostolicismo, do seu romanismo, ponho-me de pé atrás, não vá, como algumas vezes aconteceu, ter pela frente um hipócrita muito católico, um tartufo muito apostólico, um comediante muito romano. Sabem, por certo, a do padre italiano Arloto Piavano que defendeu no início do século a necessidade de modernizar o «padre-nosso», acrescentando-lhe: «Livrai-nos, Senhor, de um rico arruinado, de um pobre enriquecido, de um usurário irritado, da tutela de um procurador, das distrações de um boticário e de todos os que juram pela sua honra e consciência».

O Dr. Camilo, ao fim de cada dia, afogava as suas mágoas, e as mágoas dos outros, no doce lar e no beijo lealíssimo de sua esposa.

Dr. Camilo:

Por tantas e tantas crianças, que são o oiro de Deus, que ajudaste a nascer, eu te deixo aqui o meu tardio, mas simples como sincero louvor.

Para que venças também na Eternidade.

— Mas o senhor doutor nem a barriga lhe apalpou...

— O Farmacêutico do Arco é que é bom — diz



MARIA DA GRAÇA L. CRUZ

Poesia

**Poesia és encanto,
Minha companhia fiel;
Absolves qualquer pranto...
Dando prazer e felicidade
Transcrevendo o pensamento,
Em pura e sã liberdade!**

**Momento muito querido
De silêncio e de paz,
Capaz de transportar montanhas;
Partilho-o com tod'a gente
Proporcionando harmonia,
Só assim me satisfaz.**

Maria da Graça L. Cruz

A TERCEIRA IDADE

É salutar chegar-se a idoso
Com um espírito jovem radioso,
Capaz de transportar montanhas
Transmitindo belas mensagens:
De bem, de paz e calor humano,
Exemplo a imitar sem objecção!

Assim empregando o coração,
O idoso é integrado na sociedade
Com todo o apoio e carinho,
Porque ele é «trigo sem joio»,
Purificado p'lo caminhar dos anos,
E tantas vezes por outrem desprezado!...

Caminhemos lado a lado
Fazendo fecundo apostolado
Numa convivência animadora,
Dando vida à vida, em renovação,
Empregando a inteligência
Afastando a terrível solidão deste mundo!

Depois duma missão cumprida
É deveras muito consolador
Abraçar a cruz, destemida,
Juntamente com os talentos auferidos,
Para na hora certa a entregar a Deus,
Quando se abrir a «Porta Estreita» do Reino dos Céus!

Maria da Graça L. Cruz

Alexandre Vaz